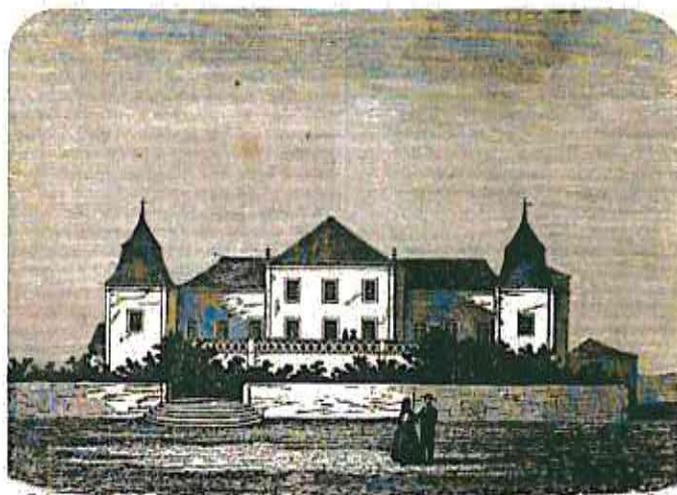




ANÁLISE HISTÓRICA E ARQUITECTÓNICA
DA ALAMEDA E DA QUINTA NOVA DE SANTO ANTÓNIO



Palácio do sr. morgado da Alagôa, em Cascais

5 DE MARÇO DE 2009

ÍNDICE GERAL



INTRODUÇÃO	3
ENQUADRAMENTO LOCAL	4
ANÁLISE ARQUITECTÓNICA DO PALÁCIO E ANEXOS	7
- CORPO PRINCIPAL	7
- IDENTIFICAÇÃO DAS SUB-UNIDADES	16
- CARACTERIZAÇÃO MORFO-TIPOLOGICA	29
- ELEMENTOS DE INTERESSE PARTICULAR	30
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	45
- DA ÉPOCA DA SUA FUNDAÇÃO	45
- DOS SEUS 1ºS PROPRIETÁRIOS.....	45
- CARTOGRAFIA E OUTRAS NOTAS HISTÓRICAS	50
- O PERÍODO DA 'EASTERN TELEGRAPH COMPANY'.....	54
ESTUDOS COMPLEMENTARES	71
DA AVALIAÇÃO FITOSSANITÁRIA DOS ESPAÇOS VERDES DO PALÁCIO	71
ALAMEDA DE ACESSO AO COLÉGIO ST. JULIANS	73
DA SUA HISTÓRIA.....	73
DO ESTADO ACTUAL DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS	76
DA AVALIAÇÃO FITOSSANITÁRIA DAS ÁRVORES DA ALAMEDA.....	76



INTRODUÇÃO

A presente análise arquitectónica e histórica, pretende complementar o trabalho gráfico do levantamento arquitectónico, da alameda, do palácio, dos jardins e outros edifícios relevantes, permitindo auxiliar a leitura e a caracterização deste património singular.

Simultaneamente, procede-se à compilação e reunião, com a exaustividade possível, das informações relativas ao Colégio St. Julian's, que se nos afiguram um surpreendente testemunho histórico - social, merecedor de futuros estudos e respectivo registo, da vasta documentação e fontes disponíveis.

É de sublinhar o interesse, a especificidade, do processo de classificação em curso (nº 423/DRL/97 DE 1 DE ABRIL DE 1997 Nº DE PROCESSO: 89/3 (101)), dado tornar-se evidente que se deveria ter também presente a preservação, a expressão de uma memória colectiva, decorrente de um passado multifacetado, não só estritamente edificado, mas associado ao lugar, e possivelmente extravasando o âmbito concelhio ou nacional, e que, curiosamente, é uma memória bem viva entre as gerações das muitas das pessoas que passaram por tais instituições de referência, que aí promoveram várias actividades culturais e desportivas, pioneiras ou marcantes de um determinado contexto histórico, porventura indispensáveis à caracterização de um passado ainda recente.

São memórias que envolvem, ou melhor, reflectem a própria integração da comunidade inglesa, enquanto tema de história moderna, e que abrange áreas diversas, desde as comunicações até ao desporto, atendendo ao intercâmbio cultural que daí adveio, cuja origem remota se identifica com o episódio das invasões francesas, quando se fez do local o último reduto das tropas inglesas, seguindo-se, cinquenta anos mais tarde, a instalação, por concessão de 1870, da 'Eastern Telegraph Company', hoje conhecida por 'Cable & Wireless', ao se optar por Carcavelos, como o ponto de ligação, o interface do cabo submarino entre a Inglaterra e a Índia, via Gibraltar, mais tarde, estendido ao Brasil e outras paragens internacionais.

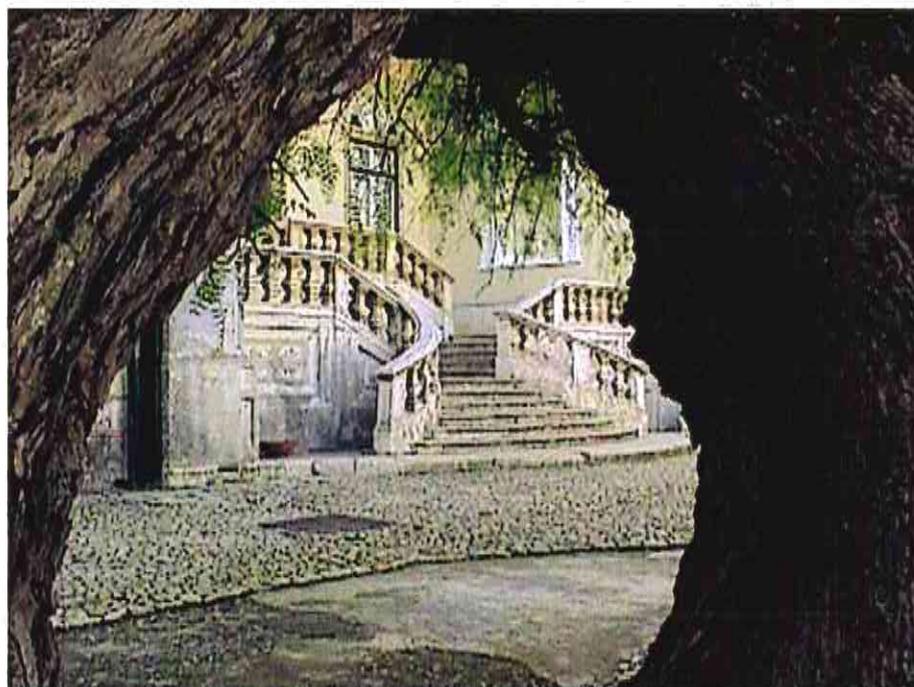


Fig. 1 – Vista do acesso pelo Pátio

ENQUADRAMENTO LOCAL

A Quinta Nova de Sto António, também conhecida como a Quinta dos Ingleses, identifica-se hoje em dia com parte das instalações do Colégio de St. Julian (St. Julian's School) e situa-se dentro de uma extensa propriedade, reconhecível pela mancha verde quase contínua, que fica entre a Praia de Carcavelos e a estação do mesmo nome, entre a marginal de Lisboa Cascais e a linha férrea, a poucas centenas de metros do centro de Carcavelos.

A sua localização é por conseguinte privilegiada e marcada por essa centralidade, aliada à vizinhança dos espaços verdes, ou naturais, destacando-se a sul o areal da praia e a nascente o leito da ribeira de Sassoeiros, que tem funcionado como corredor verde.

Segue-se a representação da delimitação da propriedade (a vermelho) bem como o perímetro da zona intervencionada pelo Plano de Pormenor de Carcavelos.

CÂMARA MUNICIPAL
REVISÃO
28 ABR 2014
CASCAIS

04039

Câmara Municipal de Cascais
Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul



Fig. 2 – Vista Aérea de Carcavelos Sul

CÂMARA MUNICIPAL
REESTRUTURAÇÃO
28 ABR. 2014
CASCAIS



**Fig. 3 – Delimitação pelo IPPAR da propriedade em processo de classificação,
para definição do Núcleo Edificado Primitivo e Alameda de Acesso**



Fig. 4 – Vista Aérea do Conjunto Edificado

ANÁLISE ARQUITECTÓNICA DO PALÁCIO E ANEXOS

- Corpo Principal



Fig. 5 – Vista da Entrada Nobre ou do Acesso Norte

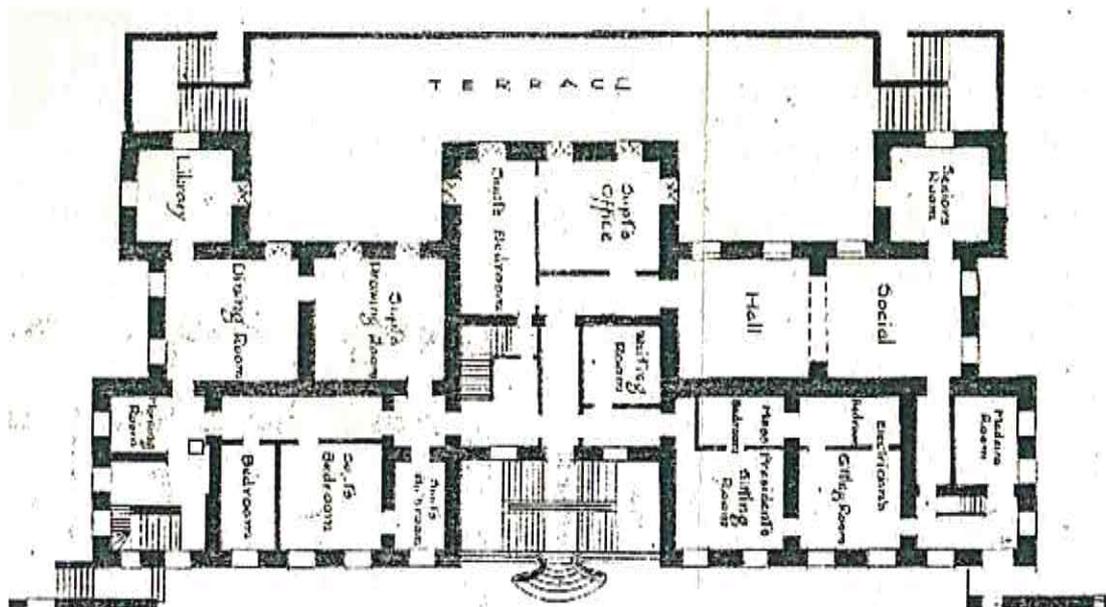


Fig. 6 – Planta do Edifício ou Corpo Principal



«O solar foi fundado em 1730 por José Francisco da Cruz, tesoureiro do real erário, morgado da Alagoa por graça de D. José. O palácio, com a sua capela dedicada a Santo António, era sumptuoso. Mas foi completamente remodelado por volta de 1870 pela Companhia Inglesa dos Cabos Submarinos. Actualmente abriga a famosa escola inglesa, St. Julian's School. É também conhecida por Quinta dos Ingleses ou Quinta da Lobita.»⁽¹⁾

Numa primeira análise do edifício principal, indiscutivelmente um exemplo erudito de arquitectura civil, sobre a data da sua construção (1730) em confronto com a sua configuração, que se supõe muito próxima daquela que seria a original e Setecentista edificação, conclui-se que, pelo menos teoricamente, o objecto deste estudo terá tido influência do período Barroco, atendendo ao intervalo, com certeza falível, de referência académica que vai de 1580 a 1756 sendo talvez de falar-se da fase final do movimento estilístico, inserido naquela que foi a transição do reinado de D. João V (como se sabe associado ao apogeu do movimento em Portugal, com o magnífico exº. do convento de Mafra) para o do rei D. José, sendo de recordar que foi nesta mesma data, de 1750, que se dá a subida ao poder do Marquês de Pombal, e Conde de Oeiras - onde construiu conhecido palácio - como ministro do reino.

De facto e observando o corpo principal, estamos perante um modelo representativo daquela que seria a concepção da Villa, ou Casa Senhorial, onde os princípios de libertação formal - espacial, da exuberância subjacentes ao estilo, que exprimiam a transgressão dos preceitos clássicos, das rígidas regras clássicas, não encaixavam bem na tradicional sobriedade, de certa forma atenuados pela manutenção de uma certa austeridade, ou contenção da ornamentação, pelo gosto por uma composição simétrica, em função de regras simples segundo um único eixo geométrico, da planta regular e volumes bem delineados, com um jogo engenhoso, conceptual, entre um corpo avançado-recuado, consoante é um ou outro alçado, do par de torreões a ladear o volume central, embora esses mesmos remates, acabem por adoptar formas novas, quase dinâmicas, apostando num perfil rebuscado, oriental, das coberturas.

A planta apresentada confirma essa mesma sólida, classicista concepção geométrica, de claros traçados reguladores e formas puras, de modulação controlada, e de salas sucessivas. O quadrado,



04041

polígono primário, ou arquétipo platónico, é o padrão, a preferência na sua forma final, sendo a proporção sucessiva entre elas da ordem dos $\frac{1}{4}$. Por sua vez, a uma concepção clara dos espaços, corresponde uma não menos racional e equilibrada estrutura construtiva, baseada na parede interior-mestra corrida, maciça.

Se o devaneio da corrente estética da época não transpira, com a força esperada, nos traçados gerais da composição, é curiosamente nos elementos complementares, feitos em cantaria (dir-se-ia que os canteiros teriam a lição – de Maфра? – mais bem aprendida que os arquitectos) que surge a manifestação dos novos ideais estéticos.

É disso exemplo a singular escadaria exterior, simétrica, de dois lanços cobertos que liga o pátio de chegada ao andar nobre, ou a original, serpenteante guarda do terraço oposto, com vista de mar, e respectivas escadas, que fazem a ligação ao jardim, a zona mais privada e refinada de uma habitação solarenga. Mais adiante se irá caracterizar com mais pormenor este espaço de fruição, de recreio, fundamental à época.

Ou, por exemplo, outras cantarias, caso dos florões, dos dois portais, seja o da entrada no pátio, seja o do início da alameda, hoje em dia do outro lado da linha férrea.

⁽¹⁾ Stoop, Anne de, 1986 'Quintas e palácios nos arredores de Lisboa', p.376, Civilização editora

22013

CÂMARA MUNICIPAL
REVISÃO
28 ABR. 2014
CASCAIS

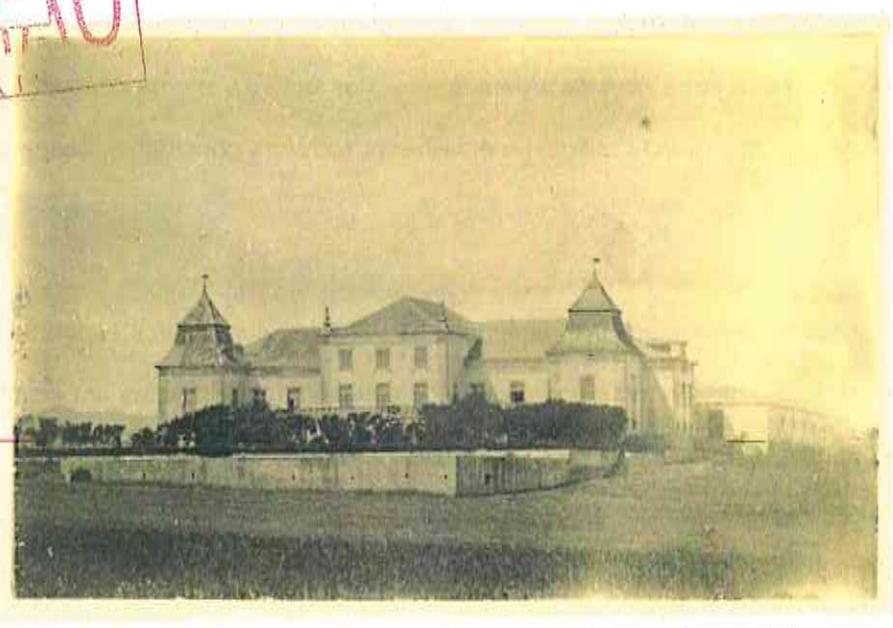


Fig. 7 – Vista Sul do Edifício, Terraço e Jardim

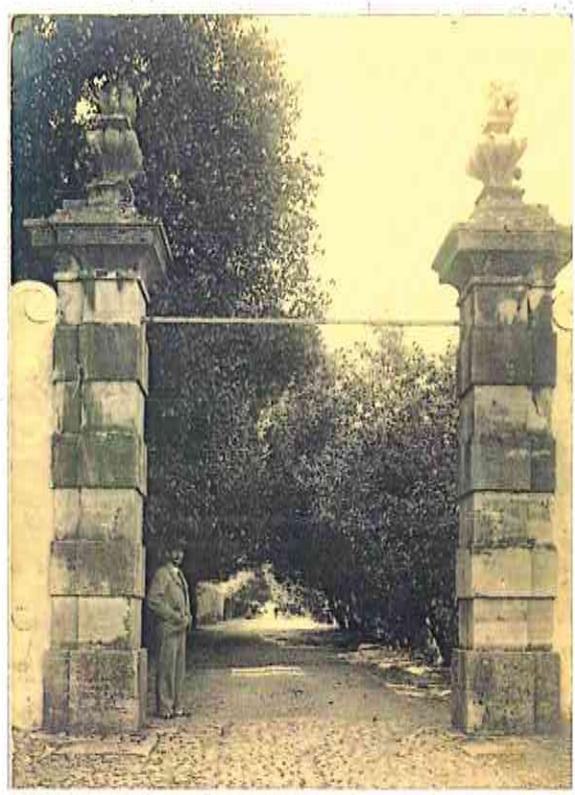


Fig. 8 – Portal interno, acesso à Alameda



Fig. 9 – Portal interno, na Vista oposta (princ.º Sec XX)



Fig. 10 – Portal Norte – (princ.º Sec XX)



Fig. 11 – Vista do Pátio (dat. 1910)



Fig. 12 – Vista do Pátio (actualmente)



Fig. 13 – Vista Sul do Terraço (dat. 1918)



Fig. 14 – Vista Lateral Poente (dat. 1910)



Fig. 15 – Vista Lateral Nascente (dat. 1910)

CAMARA MUNICIPAL
REGRÃO
28 ABR. 2014



Fig. 16 – Vista lateral (princ.º Sec XX)

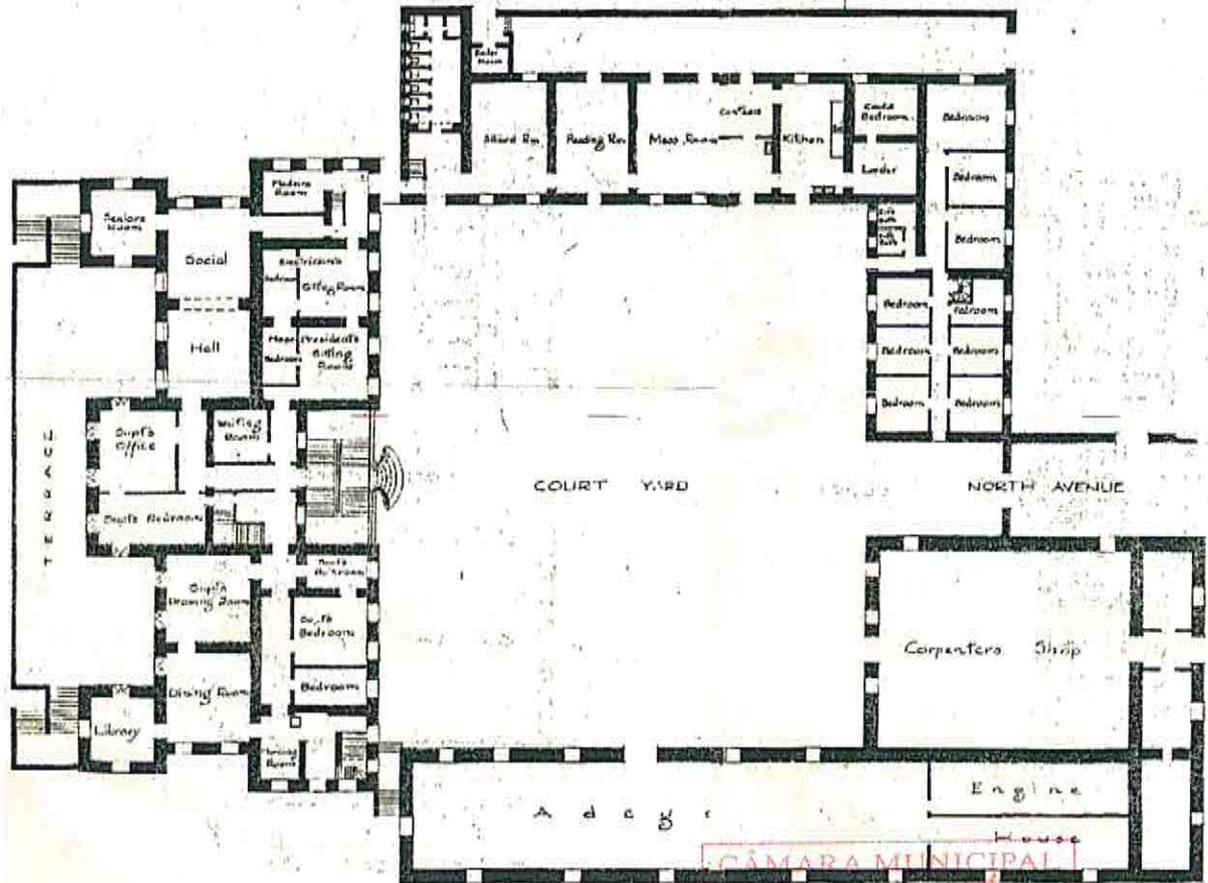


Fig. 17 – Planta do Pátio (princ.º Sec XX)



Fig. 18 – Vista do Terraço e Jardim

- Identificação das Sub-Unidades

Fig. 19 – Vista Aérea do Conjunto Edificado: instalações do Colégio St. Julian's

Observando a planta da fig.16, e tendo em conta a lógica de uma Quinta de Recreio à época, que necessariamente incluiria, além da casa senhorial propriamente dita, a capela, as dependências de apoio, adega, etc poder-se-á imaginar que em redor desse pátio (marcado por um segundo portal) já existiriam construções para esse fim, posteriormente reformuladas. «o grande pátio primitivo de acesso ao solar tinha portão a norte e era delimitado a poente pela capela de St.º António (perpendicular ao topo da fachada principal) estábulos e palheiros e a nascente pela adega»⁽²⁾

A noção de conjunto é importante e ajuda a compreender a concepção geral do espaço. Tudo se completa e dá sentido, magnificência à sua apropriação: da passagem pelo portal, ao atravessamento da alameda, à chegada ao pátio; e, na esfera privada: do solar, ao terraço, ao jardim, ao tanque central, à casa de fresco, etc

Ainda hoje, essa noção, o ar livre, os espaços verdes, correspondem a uma das atracções do local. A escola está subdividida em várias alas ou edifícios, alguns provisórios, reflexo da necessidade de responder rapidamente à falta de espaço para leccionar. Esta situação é quase geral, mas mais evidente a sul, onde se situa a escola primária, ligada por uma passagem coberta.

⁽²⁾ Morgado, José Luís 1997 'Parecer/Informação N° 101/97', IPPAR



CÂMARA MUNICIPAL
REVISÃO
28 ABR. 2014
CASCAIS



Fig. 20 – Portal interno, de Acesso ao Pátio



Fig. 21 – Corpo ou Ala Norte



Fig. 22 – Portal interno, Vista a partir do Pátio



Fig. 23 – Corpo Lateral Poente



Fig. 24 – Corpo Lateral Poente



Fig. 25 – Perspectiva do Pátio



Fig. 26 – Perspectiva do Pátio



Fig. 27 – Corpo Lateral Nascente

72002



Fig. 28 – Corpo Lateral Nascente: Ligação



Fig. 29 – Corpo Lateral Nascente: Ligação



04048



Fig. 30 – Espaço de Transição: Lago Central



Fig. 31 – Ligação à Escola Primária

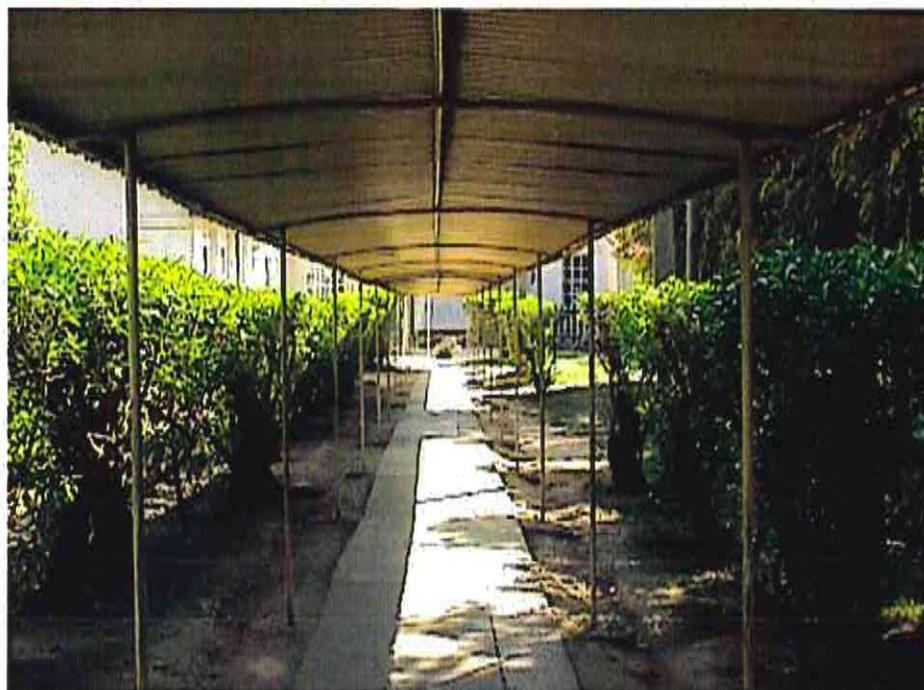


Fig. 32 – Ligação à Escola Primária



Fig. 33 – Ligação à Escola Primária

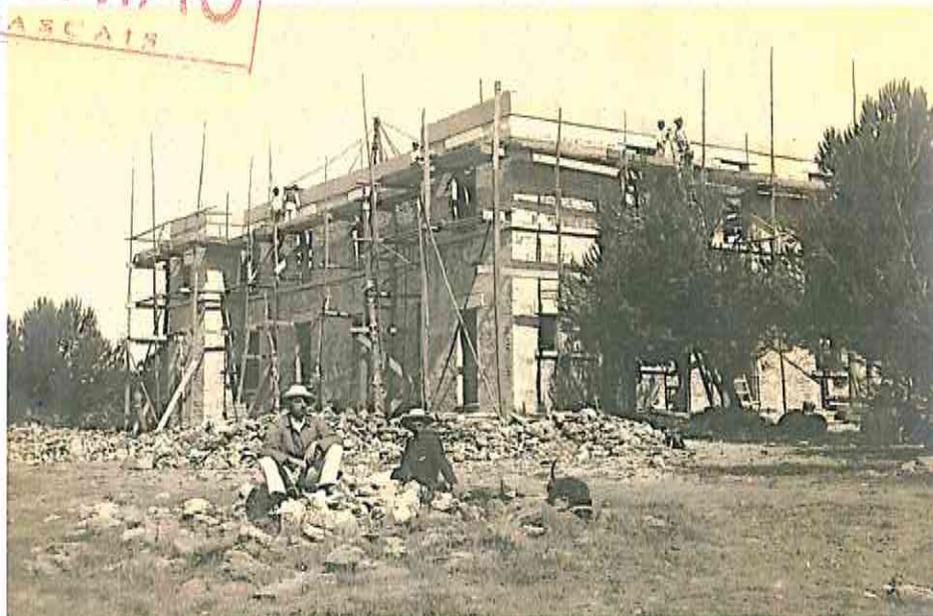


Fig. 34 – Vista do Corpo Sul (princ.º Sec XX)



Fig. 35 – Vista do Corpo Sul – Escola Primária



Fig. 36 – Anexos



Fig. 37 – Anexos

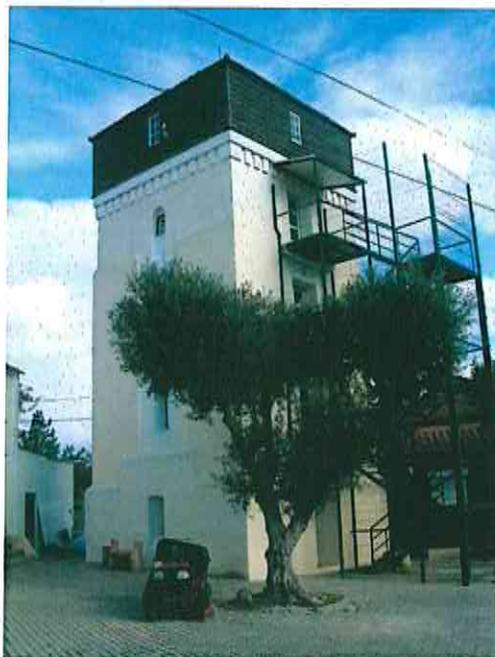


Fig. 38, 39 – Torre do depósito de água

Da análise do edificado, e baseando-nos nas indicações de alguns investigadores, talvez somente a parte do Palácio e da "Ala Poente", à volta do Pátio, sejam originais.

A fundamentar essa tese estão as discrepâncias na documentação analisada que indicam que houve um incêndio em 1877, ou em 1917, ou que houve dois incêndios no Palácio. A Ala nascente foi reconstruída em 1877 ou em 1917, após um incêndio nas antigas cocheiras (altura da construção da "Casa B" bem como das Casas dos Engenheiros).

Outra conjectura aponta para uma alteração do corpo central por detrás do arco monumental, porque a arquitectura deste corpo não tem a qualidade, nem o traço dos torreões laterais, nem o dito arco monumental. Por exemplo, a divisão interior do edifício não corresponde à descrição, que se segue, do "Archivo Pittoresco" de 1863, o que talvez não seja totalmente fidedigno, dado que a gravura (que abre este documento) assemelha-se muito à edificação actual.

"Há em Carcavellos algumas boas quintas, porém são mais de rendimento que de recreio. Uma d'ellas é propriedade dos srs. Condes da Lapa, e tem soffrivel casa de residência, com jardim e



muitas arvores silvestres. Era muito rendosa antes da moléstia das vinhas, porque recolhia na sua adega um dos melhores vinhos d'aquella localidade.

Entre o lugar de Carcavellos e o Oceano está a Quinta Nova de Santo António, pertencente ao sr. Morgado da Alagôa. É notável pelo rico palácio que se ergue no centro d'ella. Fundou-a o avô do actual proprietário, que se chamava José Francisco da Cruz, que foi thesoureiro do real errario, e creado por el-rei D. José Morgado titular da Alagôa. Era irmão do Anselmo José da Cruz, senhor dos morgados e da villa de Sobral de Monte Agraço, e bisavô da sra. Condessa do Sobral.

O palácio tem quatro frentes: uma para um grande pateo, ao qual conduz uma extensa alameda, que principia junto ao lugar de Carcavellos; duas deitam para a quinta; e a quarta cae sobre o jardim, e está voltada para o Oceano, que lhe fica próximo, de modo que os seus torreões se avistam do mar a muitas léguas de distancia, servindo por isso de balisa aos navegantes. É d'este lado que o representa a nossa estampa.

Contém uma boa ermida dedicada a Santo Antonio, e muitas e grandes salas. Duas d'estas são tão vastas como o salão de entrada do theatro de S. Carlos. Uma olha para o palco, a outra para o jardim. Esta é a mais nobre, e occupa todo o corpo central da fachada, de sorte que as janellas superiores fazem de tribunas para o interior, sendo guarnecidas de balaustrada. É uma rica sala, construída com muita grandeza. Pendem-lhe do tecto três grandes lustres. Adornam-lhe as paredes dois quadros a óleo com os retratos, em corpo inteiro, do fundador e de sua esposa; e nos cantos é decorada com quatro bustos de mármore de Carrara, de proporções naturaes, primorosamente esculpidos, e collocados sobre altos e esbeltos pedestaes, também de mármore. Representam, se bem estamos lembrados, Luis XIV, rei de França, e outros personagens d'essa epocha.

El-rei D. José gostava muito d'este palácio, e ahi foi algumas vezes almoçar, nos dois annos em que tomou os banhos do Estoril. A quinta acha-se em muita decadência. Nunca foi bella, e só correspondeu outr'ora ao palácio pelo seu rendimento, pois chegou a produzir quinhentas pipas de



04051

excellente vinho. De Carcavellos segue a estrada real pra o Estoril, onde existem aguas thermaes, próprias para moléstias cutâneas, e d'ahi para a villa e praça de Cascaes."

- Caracterização Morfo-tipológica

Do apontamento anterior concluiu-se que, apesar de se estar na presença de um exemplar de arquitectura erudito, que espelha o contexto social-económico de uma época histórica, materializado em objectos arquitectónicos-artísticos singulares, estes são de uma singeleza muito própria, por comparação com os paradigmas barrocos.

A tipologia, de planta rectangular, encontra o seu significado maior na sequência dos espaços já descritos, seguindo um eixo claro de simetria-progressão, baseado na relação entre o pátio e edifício fronteiro, a encenação da entrada, a relação com o terraço, e por sua vez entre este último e o jardim.

«Estas residências que se aparentam à casa nobre do século XVII adquirem, ao fim dum longo processo de evolução, as novas características do estilo barroco que irrompe em toda a Europa e que, à volta de Lisboa, mostra uma interpretação sempre mais moderada que no Norte do país. Nem palácios monumentais, com excepção do do Correio-Mor, nem espaços dinâmicos. As plantas são rectangulares, em 'L', ou algumas vezes mais complicadas, já que as construções continuam a articular-se frequentemente à volta do pátio, protector necessário e tradicional da intimidade familiar»

«Se, em geral, as casas nobres têm dois pisos, sendo a parte inferior reservada para arrecadações, não podemos contudo fazer sempre uma distinção tão nítida (...) Mas é sobretudo a entrada que é essencial, imprimindo um movimento em direcção ao centro da fachada. Se as soluções académicas, como o emprego das ordens arquitectónicas, não são muito utilizadas, a entrada nobre, na fachada principal, ladeada por colunas ou de pilastras, é dominada por uma janela trabalhada encimada pelo brasão. Contrariamente ao Norte do país e, à parte algumas residências próximas de Lisboa, os enquadramentos de pedra das outras janelas são de uma extrema simplicidade, especialmente em Sintra»⁽¹⁾



A morfologia dos elementos, tirando as tais excepções ou singularidades, se traduz um traçado informado, a existência de projecto, com regras de desenho e composição, revela no entanto uma notória austeridade, uma grande contenção de meios.

Se o edifício principal contém um ou outro trabalho de cantaria mais elaborado, mais ousado, de modo geral pode-se dizer que é parco no uso dos materiais, seja nos relevos dos panos de fachada, seja no trabalho das cantarias ou aplicações de azulejo, estes últimos quase que se resumindo a aplicações no interior.

«Um outro elemento importante nesta região, de ameno clima, é o papel da escadaria exterior que liga o andar nobre com o jardim. Tão depressa é relegada para segundo plano, provavelmente conforme tradição árabe, como que, para tornar-se menos evidente o acesso às salas, como, pelo contrário, é utilizada à maneira ocidental e colocada no centro da fachada, dinamizando-a com os seus lanços, na maior parte das vezes duplos»⁽¹⁾

⁽¹⁾ Stoop, Anne de, 1986 'Quintas e palácios nos arredores de Lisboa', p.16, Civilização editora

- Elementos de Interesse Particular

A entrada no lado norte, com a sua escadaria dupla exterior, protegida através de distintivo arco abatido, tal qual uma boca de cena de um palco, donde emerge um segundo plano, recuado, onde se situa, ao centro o brasão, é certamente um dos pontos altos a referir.

É nela que a atenção, ao longo da aproximação, se focaliza, em parte pelas formas livres, dinâmicas, sensoriais, pela disposição e desenvolvimento simétrico das escadas, geradoras de um efeito cénico, bem ao gosto da época.

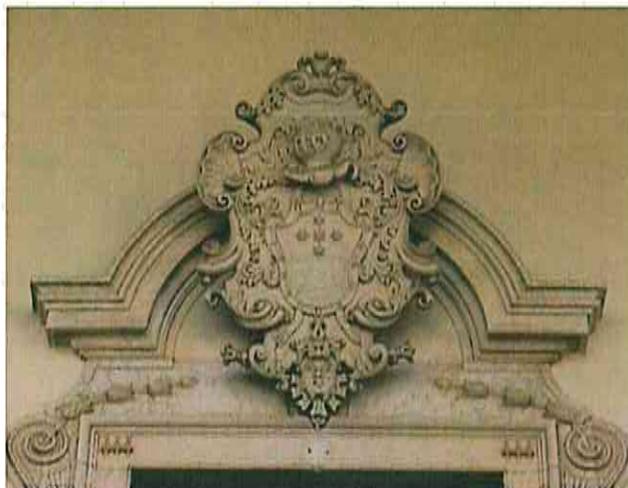
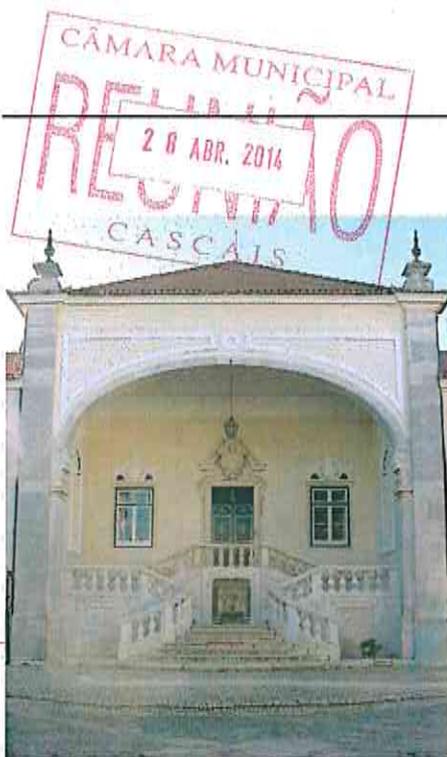


Fig. 40, 41 – Escadarias e Pormenores da Entrada Principal



Fig. 42 – Vestíbulo e Lambris de Azulejos

«Do século XVIII e de vários períodos são os silhares de azulejos que ainda decoram grande número de salas do solar, de tapete, de albarradas, figurativos, zoomórfico, fitomórficos e, principalmente, belos painéis historiados de finais de século, provenientes da antiga capela dedicada a santo António, recolocados nas paredes do corredor central da entrada principal.»⁽²⁾

⁽²⁾ Morgado, José Luís 1997 'Parecer/Informação N° 101/97, IPPAR

CÂMARA MUNICIPAL
REESTRUTURAÇÃO
28 ABR. 2014
CASCAIS





Fig. 43, 44, 45, 46 – Pormenores de Painéis de Azulejos



Fig. 47, 48 – Vistas do Interior



Fig. 49, 50 – Vistas do Terraço



Fig. 51, 52 – Pormenores do Terraço



Fig. 53, 54 – Ligação do Terraço ao Jardim



Fig. 55 – Casa de Fresco

Outros exemplos, de trabalho refinado de cantarias, de aplicações de azulejos, pode-se encontrar quer no interior, nos chamados espaços de recepção ou aparato, quer no exterior, naqueles que seriam os espaços de eleição, de passeio e ou de estar

A relação com a natureza, a invariância do prolongamento da casa em requintados jardins de recreio, terraços para desfrute da paisagem, tem nesta altura momentos de verdadeiro esplendor, seguindo os modelos, as gramáticas de geometrização dos elementos naturais, com caprichosas composições na domesticação dos espaços verdes, às quais se junta o elemento simbólico da água, seja em tanques, ou espelhos de água, seja em levadas, ou casas de fresco, glosando um dos temas mais recorrentes.

«Virado a Sul desenvolve-se o referido jardim, à maneira francesa, de tanque central, com vários pedestais, sem estátuas ou bustos, tendo um deles gravado um relógio de sol com a data de 1750. O jardim é prolongado por um antigo pomar que ladeava uma álea em pérgola.»⁽²⁾

⁽²⁾ Morgado, José Luís 1997 'Parecer/Informação N° 101/97, IPPAR

Espaços Verdes



Fig. 56, 57 – Vistas do Jardim



Fig. 58, 59 – Vistas do Jardim e Envolvente



Fig. 60, 61 – Pormenores do murete ou cercadura

Leitura das Fases de construção

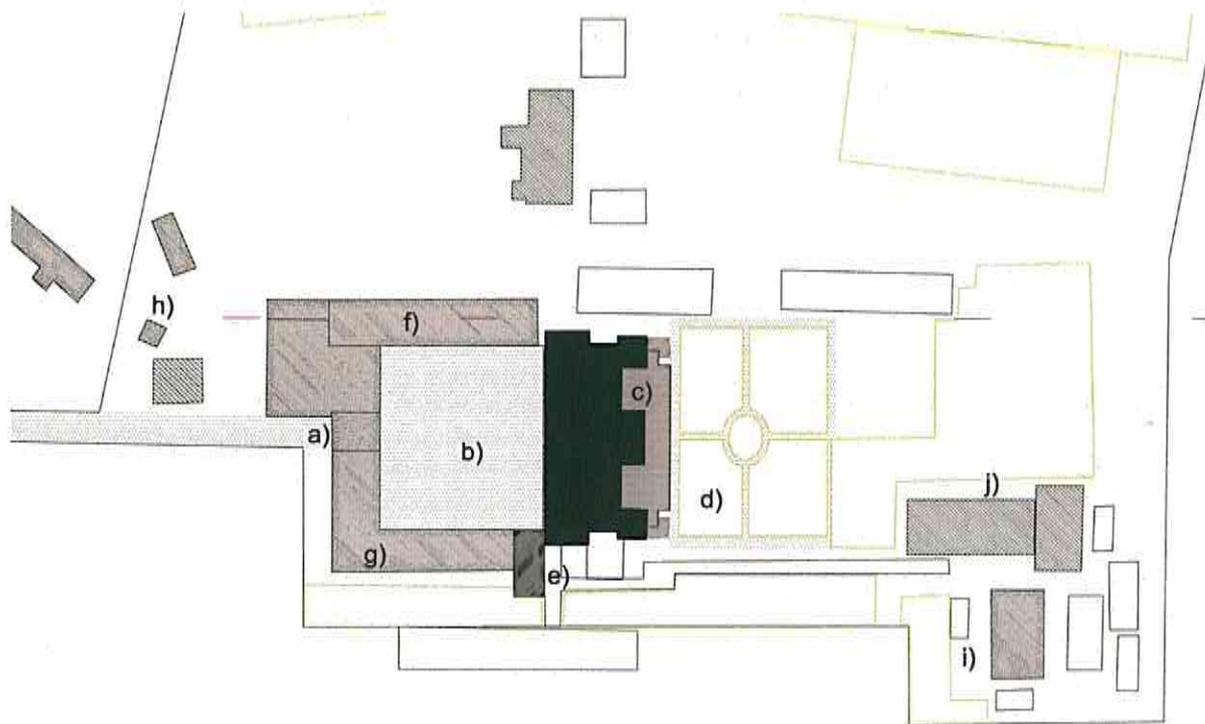


Fig. 62 – Esquema da evolução da Ocupação

O esquema apresentado visa identificar e clarificar a estrutura e sequência espacial dos elementos mais relevantes, aquela que, porventura, terá sido a sua sucessão temporal.

Dado existir sempre incerteza nestas análises, até porque terão existido reconstruções, remodelações de implantações mais antigas, por ex.º em f) ou g) onde se supõe ter-se localizado a adega, cavalariças e outras dependências de apoio, opta-se por representar com uma gradação tonal as diferenças mais evidentes entre épocas de edifícios

Porventura, evocando os preceitos dos modelos mais antigos, de Villa ideal renascentista, a casa senhorial, c), o conjunto de terraços e jardins, serão originais, setecentistas e, parece-nos, quase inalterados, não sendo difícil imaginar que a casa fosse originalmente um objecto isolado, disposto de



maneira a coincidir com o foco da perspectiva da Alameda, acedida por uma sequência de portais, sendo o último, o da chegada ao pátio, b) um espaço integrante e fundamental da mesma composição, aliando o valor funcional ao simbólico, de transição entre a esfera semi-pública e a privada. Refira-se ainda que, a poente, ligando directamente ao pátio, terá sido o local de uma capela, de Stº António, embora os vestígios sejam quase inexistentes.

Com a aquisição da Quinta pela 'Eastern Telegraph', sucederam-se várias alterações e ampliações, atendendo às necessidades da logística e de alojamento do pessoal, surgindo outros espaços para actividades complementares. Novo ciclo de edificação é retomado, nos anos 30, com a sua adaptação a escola, e mais tarde, em 1962, aquando da aquisição do núcleo actual, pela St. Julian's School.

Por conseguinte, as áreas de maior interesse estão no próprio Palácio, dado que os restantes edifícios (incluindo a capela de Stº António) foram objecto de alterações e de restauros entre 1877 e 1917.

d

Enquadramento Histórico**- da época da sua fundação**

«Este clima de inovação conjuga-se com um afluxo de riquezas, diamantes, prata e açúcar, provenientes do Brasil, enfim reconquistado, para fazer do séc XVIII a época de ouro da casa nobre (...) A seguir ao grande construtor que foi D. João V (1706-1750), e depois sob os reinados dos seus sucessores D. José (1750-1777) e D. Maria I (1777-1816), os altos dignatários, os fidalgos e os burgueses, para fugir ao calor da cidade e para melhor poderem gerir as suas terras, mandam construir múltiplas casas. Estas elevam-se sempre em terrenos bem escolhidos onde a água é abundante, à beira de afluentes do Tejo, como na região de Loures, de onde as barcas podiam atingir o mar, sobre terras de vinhedos em Carcavelos, perto dos palácios reais de Queluz e de Sintra (...)»⁽¹⁾

- dos seus 1ºs proprietários

«António José da Cruz e o seu segundo irmão José Francisco da Cruz (de uma família de quatro) estabeleceram laços muito estreitos com Sebastião de Carvalho e Melo, o que permitirá ao segundo acumular riquezas e uma série de cargos oficiais, entre eles o de tesoureiro-mor do Erário Real e administrador das alfândegas, ao tempo de D. José I»





Fig. 63 – Marquês de Pombal e os irmãos: pormenor de pintura, na Sala da Concórdia, da Quinta dos Marquesses de Pombal, em Oeiras (projecto atribuído a Carlos Mardel, iniciado em 1737)

«É precisamente José Francisco da Cruz, enriquecido no Brasil e no trato do comércio colonial, feito morgado de Alagoa em 1763, que funda o solar e Quinta Nova, ou da Lobita (...) Os terrenos que então adquiriu, e que logo murou, ultrapassavam os actuais 54 hectares, desde o mar até ao lugar de Carcavelos.»⁽²⁾

»Não será estranha a esta decisão o facto do seu grande amigo e protector se ir também instalar em Oeiras, ali tão perto. Era uma quinta de recreio mas também de produção agrícola, principalmente do afamado vinho, mais tarde conhecido como 'Lisbon wine' ou vinho de Carcavelos»⁽²⁾

«Foi ponto de encontro assíduo para D. José I e o seu poderoso 1º ministro, e aí, provavelmente se architectaram e decidiram alguns dos negócios do reino»⁽²⁾

⁽¹⁾ Stoop, Anne de, 1986 'Quintas e palácios nos arredores de Lisboa', p.16, Civilização editora

⁽²⁾ Morgado, José Luís 1997 'Parecer/Informação N° 101/97, IPPAR



04060

«Dos elementos pesquisados por Mário Eurico Lisboa na sua tese "O Solar do Morgado da Alagoa" de 2007, não há indicação de quem terá sido o Arquitecto do Palácio da Quinta Nova. Pesquisou documentos que apontam para a existência dum Palácio com uma capela, consagrada a Santo António, no local já em ruínas antes do sismo de 1755 (Arquivo Histórico da Direcção Geral do Tribunal das Contas), os quais poderiam ter sido integrados na construção dos actuais edifícios. Aponta-se até um arco de grandes dimensões que poderia ter sido aproveitado na construção da actual entrada do Palácio, mas devido ao estilo barroco e devido às dimensões do actual arco, tal parece pouco provável.

Outros elementos descritos em 1768 desapareceram há muitos anos, talvez destruídos pelo incêndio na ala nascente do Palácio, em Dezembro de 1877 (já na época do Eastern Telegraph).

Talvez valha a pena recuperar deste trabalho as linhas gerais da família Alagoa, que criou a fortuna, que permitiu a construção do Palácio. Estes dados parecem relevantes no decorrer dum processo que transformou terrenos agrícolas para o estado em que se encontrava o conjunto na altura da sua aquisição para o cabo submarino.

Sendo escassa a informação anterior, sabe-se que o fundador da propriedade "Quinta Nova", José Francisco da Cruz (Alagoa) foi um dos sete filhos de João Francisco de Cruz, carpinteiro, nascido em Agualva, Belas, em 1690, e que morreu no dia 1 de Novembro de 1755 em Lisboa, vítima ou não do sismo, não há certeza.

Das três filhas, uma morreu na infância e as restantes duas viveram quase toda a sua vida no convento de Chelas não tendo, portanto, relevância na ascendente económica da família.

O primeiro filho, António José (1715-1782), também seguiu uma vida religiosa na Congregação do Oratório de São Felipe Neri, bem como no Convento das Necessidades, mas, em vez de viver uma vida humilde, teve boas e importantes relações com elites próximas do poder, incluindo Sebastião José de Carvalho (Marquês de Pombal). Depois do terramoto de 1755, foi ele que fiscalizou, durante

vários anos, as obras de reparação da Sé de Lisboa até quase ao fim da sua vida. Pode ter sido quem apresentou o Arquitecto da Quinta Nova aos seus irmãos.

«Os filhos José Francisco (1717-1768) e Joaquim Inácio (1725-1781) foram para o Brasil em 1735 e 1737 respectivamente, onde fizeram riqueza suficiente para voltar para Portugal. Anselmo José (1728–1802) foi para Génova entre 1752 e 1757, mas também voltou para Lisboa. Todos regressaram expressamente por ordens do Rei.

Destes filhos, o mais relevante é José Francisco que, depois de regressar do Brasil em 1747, e casado em 1748, adquiriu posições importantes nas Companhias Gerais, Real Fábrica das Sedas, Junta do Comércio, Contracto Geral do Tabaco, Erário Régio e Alfândega do Reino, tendo mantido os seus interesses económicos no Brasil.»⁽³⁾



⁽³⁾ Apelido, Nome ??? 2008 'Parecer/Informação N° ???/08, IGESPAR



04061

Câmara Municipal de Cascais

Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul

«Com a ajuda dos irmãos, os quais mantiverem toda a sua riqueza na família, começou, a partir de 1756, a adquirir terrenos agrícolas e edifícios em Lisboa e arredores, alguns por compra e outros para liquidar dívidas de outros comerciantes, todos abalados pelo sismo de 1755. Em 1763, José Francisco recebeu os terrenos da extinta Companhia de Jesus, incluindo a Quinta de Alagoa, de onde ele tirou o apelido. Em 1768, quando faleceu em Carnide, já era dono, também, da Quinta da Junqueira, Quinta da Alagoa, bem como da Quinta de Santo António, ou seja, a Quinta Nova, a “Jóia da Coroa” do seu património, onde ele já tinha mandado construir o seu solar.

A sua posse dos extensos terrenos à beira mar (Junqueira, Santo António e outros contíguos) ajuda a explicar, ainda hoje, a quase total falta de construções no litoral, entre Oeiras e Parede e, talvez, a posição recuada da Vila de Carcavelos, muito antes da construção do caminho-de-ferro em 1890.

A grande opulência da propriedade Quinta Nova é explicada pelo desenvolvimento da família Cruz.

José Francisco assumiu o título do 1º Morgado de Alagoa e teve dois filhos: Joaquim Inácio da Cruz Alagoa (1755-), e José António da Cruz Alagoa (c1757-) que foram educados no “Colégio dos Nobres”. Um terceiro filho, José António entrou num convento da Ordem da Avis (-1816).

A família continuou a manter os seus negócios no Brasil e em Lisboa, e teve acesso a importantes cargos políticos e sociais.

«Joaquim Inácio (2º Morgado) casou por duas vezes e teve como filho José Francisco da Cruz Alagoa (3º Morgado), falecido em 1896 sem descendência legítima, mas com dois filhos “naturais”. Um destes filhos, Jaime da Cruz Alagoa (1857), já dono da Quinta antes da morte do pai, pôs à venda a Quinta Nova, por volta de 1870. Foi comprada por Jerónimo José Moreira e quase imediatamente alugada à empresa Gibraltar and Malta Telegraph Company, tendo sido vendida à mesma companhia telegráfica em 1872.

A contribuição do primeiro Joaquim Inácio (1725-1781) na criação desta riqueza não deve ser esquecida. Embora só tenha voltado do Brasil em 1764 (após o terramoto) ele desenvolveu as

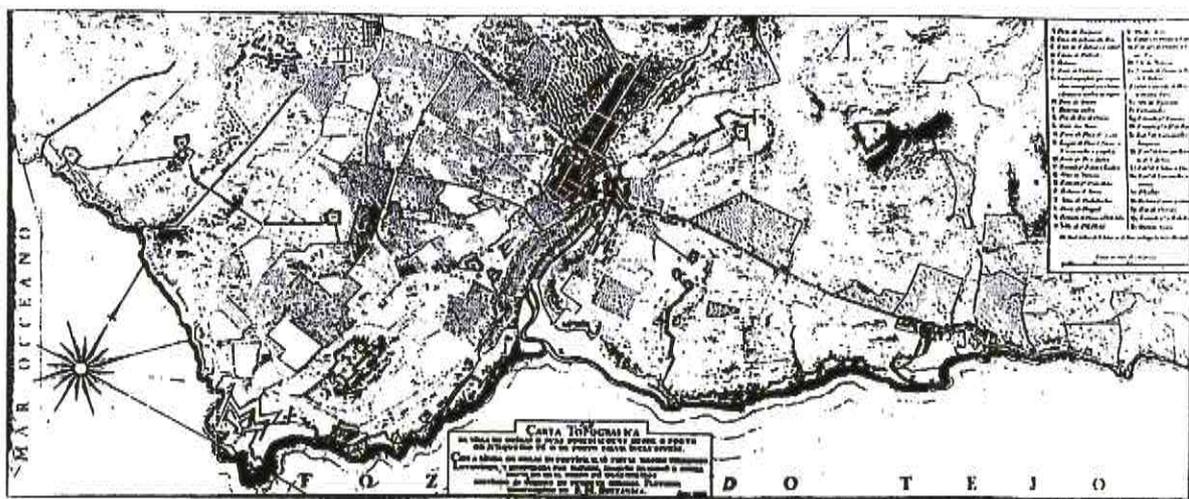
propriedades da família no Sobral de Monte Agraço, especialmente após 1770, tendo-se tornado "Morgado" de Sobral de Monte Agraço e responsável pela construção dos edifícios monumentais no local. Grande parte do património de Joaquim Inácio foi herdada pelo irmão mais novo, Anselmo José (1728- 1802), o que criou divergências entre os herdeiros, na altura.

Esta geração começou a dominar a economia portuguesa (e brasileira), com a ajuda da política do Marquês de Pombal, até então dominada por negociantes estrangeiros dos quais a fatia dominante era a dos Ingleses. A família das Cruzes foi uma de poucas dezenas a liderar esta tendência.

No entanto, a gradual erosão do poder económico de Portugal, já afectado pelo terramoto, foi crítica a partir da guerra peninsular e a subsequente perda do Brasil em menos de 15 anos, seguida por anos de guerras civis e intrigas. Assim acabaram as boas intenções da independência económica do país, tendo a crise financeira de Portugal a partir de 1850, acabado com as grandes fortunas, tais como a da família Alagoa, criando uma situação algo irónica em que até a Quinta Nova passou, no fim, para as mãos estrangeiras das quais a Família Alagoa tinha conseguido a sua independência, 100 anos antes.»⁽³⁾

⁽³⁾ Apelido, Nome ??? 2008 'Parecer/Informação N° ???/08, IGESPAR

- cartografia e outras notas históricas



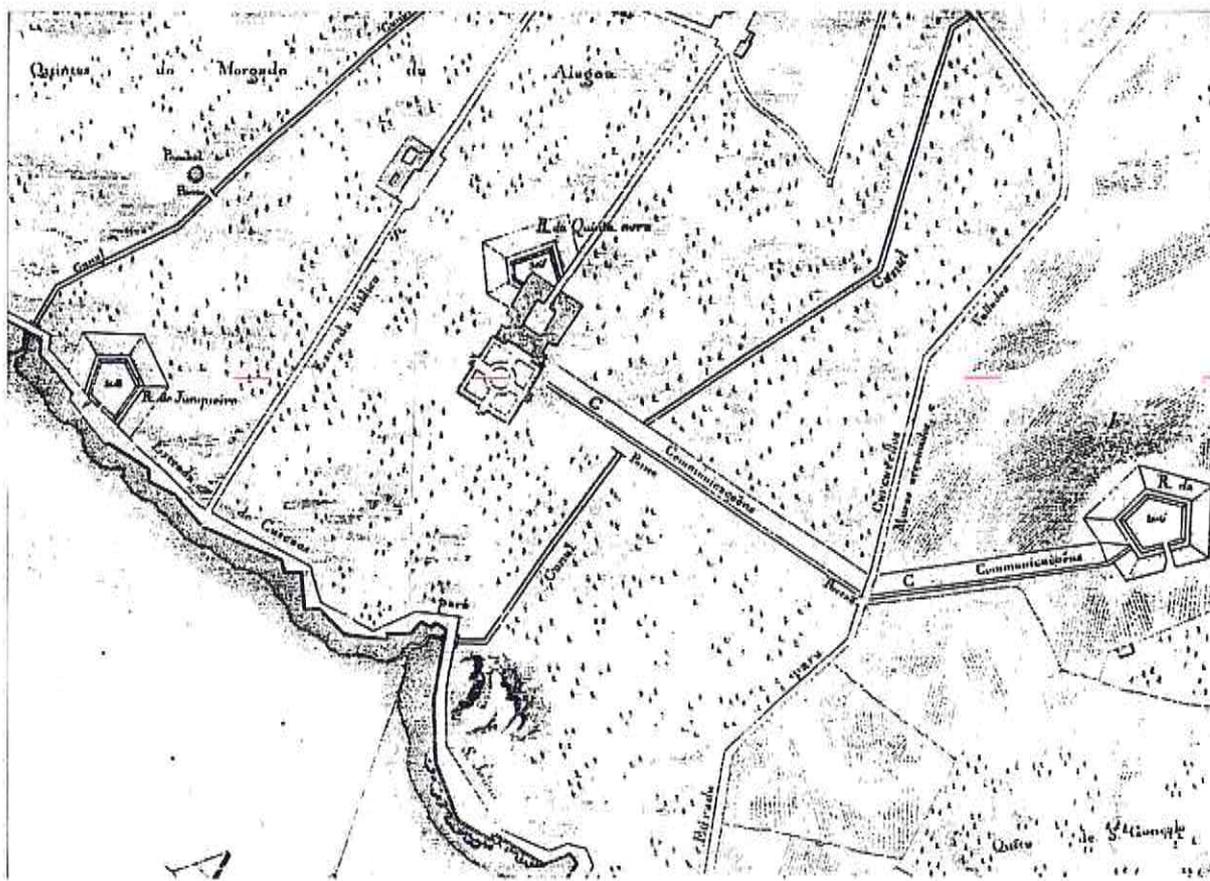


Fig. 64, 65 – Cartas Topográficas Oitocentistas, com as fortificações entre Carcavelos e Oeiras

Fonte: Direcção dos serviços de Engenharia do exército

Estas fortificações, que faziam parte de um sistema defensivo maior, de uma extensão inusitada, explicam-se no contexto das primeiras invasões francesas, do início do sec XIX, quando Napoleão Bonaparte decretou o bloqueio continental para isolar os ingleses.



Fig. 66 – Esquema das Linhas de Defesa Oitocentistas

São o testemunho físico, a defesa complementar das célebres 'Linhas de Torres Vedras' – termo, que significa 'velhas'- longas muralhas defensivas, edificadas a norte de Lisboa, delineadas pelo duque de Wellington após a segunda invasão dos franceses, e sua subsequente expulsão, na célebre batalha do Douro, protagonizada por Wellesley e Beresford. Estratégia confirmada na derrota de Massena, aquando da invasão de 1810, ao ser confrontado com tais linhas de defesa «que reforçavam os obstáculos naturais do terreno, formando uma barreira delimitada pelo oceano e pelo rio Tejo. A primeira linha tinha uma extensão de 46 Km e ligava Alhandra à foz do Lizandro (T. Vedras).»⁽³⁾

Foi justamente Carcavelos, mais concretamente a praia de S. Julião, o local escolhido por Wellington para último reduto deste sistema, que funcionaria como retaguarda, ou ponto de embarque, em caso de retirada por sobreamento perante o invasor francês.

"A Linha consistia em 13 fortificações diferentes, numeradas de 98 a 110, para serem guarnecidas por 5.350 tropas, equipadas com 94 peças de artilharia. A esquerda apoiava-se no Forte da Junqueira, o qual, no final do século passado, foi incorporado no 'Sanatório Marítimo (...) restos de uma pequena fortificação, com o nº 108, podem ser vistos num terreno desocupado, imediatamente em frente da R. Da Beira. Partindo daí, é ainda perfeitamente visível, embora só parcialmente, uma estrada afundada, ou trincheira de comunicação para a Quinta Nova (...) a quinta, foi fortificada e fortalecida por uma



04063

Câmara Municipal de Cascais

Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul

fortificação a Norte (nº 107), que já quase desapareceu por completo. A estrada afundada, ainda visível em vários locais, continuava depois sobre a ponte, no canto Nordeste do campo de futebol do colégio, até ao reduto nº106, situado na Quinta dos Lombos, do qual já não existe qualquer vestígio”
(4)

A maior parte dessas fortificações militares acabariam por desaparecer, talvez pela tentação de reaproveitamento de materiais ou pelo simples facto de ter sido executada rapidamente, improvisando-se a sua construção com sacas de areia, pedra solta, etc não conseguindo assim, na sua maioria, resistir à usura do tempo.

(3) Site da C.M. Torres Vedras (http://www.cm-tvedras.pt/monumentos/linhas_de_torres.asp)

(4) Norris, A.H; Bremmer, R.W 'As Linhas de Torres Vedras- as três primeiras linhas e as fortificações ao Sul do Tejo', edição C.M. Torres Vedras (por cortesia do Ten. General Alexandre de Sousa Pinto)



- o período da 'Eastern Telegraph Company'



Fig. 67 – Registo da visita da Família Real

«Em 1870 os descendentes do morgado da Alagoa venderam a quinta à Eastern Telegraph Company, conhecida pela Companhia do Cabo Submarino, que inaugurou nesse mesmo ano a primeira ligação telegráfica por cabo entre Portugal-Malta-Suez-Bombaim, estendida pouco depois até Inglaterra, Brasil, Açores, etc»^{(2) (5)}

«À medida que aumentava o número de funcionários do Cabo Submarino e suas famílias, quase todos ingleses, criou-se uma dinâmica 'very british' de ocupação dos tempos livres em terras estrangeiras, o desporto. Desde finais do sec XIX foram introduzidas e praticadas várias modalidades ainda pouco divulgadas em Portugal, senão mesmo inéditas, como o 'rubgy', o 'hockey', o 'cricket' e o futebol. Esta última mereceu mesmo a honra de ter o primeiro campo regulamentar no País com condições para a prática do jogo e acolhimento do público.»⁽²⁾

«(...)em 1932, é fundada a St. Julian's School, unidade de ensino para os filhos dos funcionários, mais tarde aberta a outros estudantes e com uma secção portuguesa.»⁽²⁾

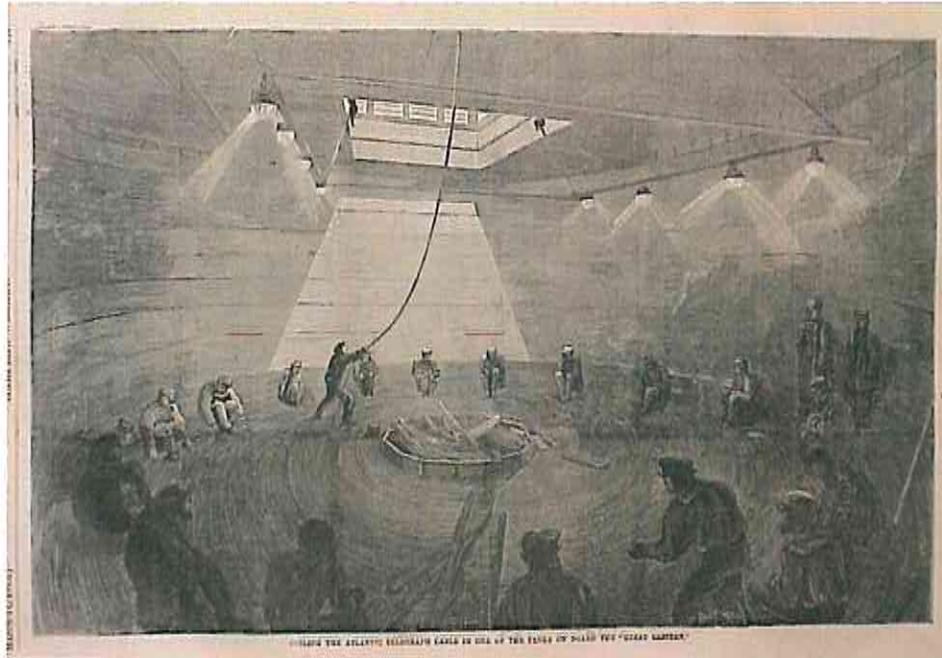
«Em 1962 foi extinta a Companhia do Cabo Submarino, sendo então vendida uma parte da Quinta à St. Julian's School, com cerca de oito hectares (que incluía o núcleo histórico com o palácio e os campos de jogos); a outra parte, de cerca de 46 hectares, passou para a posse da firma Savelos e Alves Ribeiro Lda (terrenos, mata e algumas habitações disparas e arruinadas)»⁽²⁾

⁽²⁾ Morgado, José Luís 1997 'Parecer/Informação N° 101/97, IPPAR

⁽⁵⁾ Site da Cable & Wireless (<http://www.cwhistory.com/history/html/Portugal.html>)



Fig. 68, 69 – Documentos da Cable & Wireless



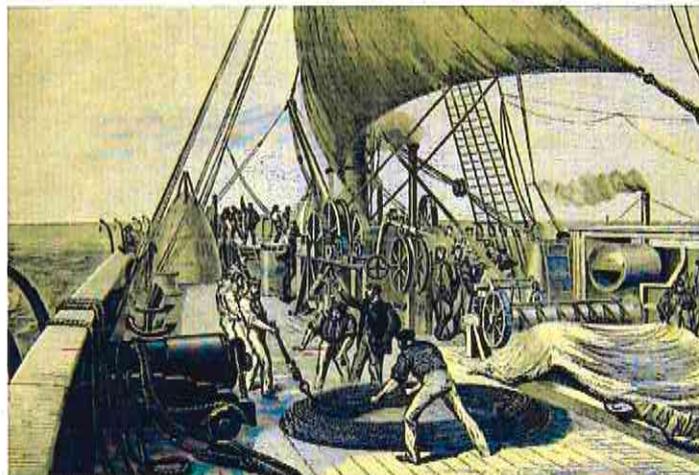


Fig. 70,71 – Lançamento do cabo submarino



Fig. 72 – Visita do director da Companhia – John Pender (?) sec.XIX



Fig. 73 – Equipa de futebol de 1892

- St. Julian's School: do passado ao presente



Fig. 74 – Ex-Libris e Lema do Colégio



Fig. 75 – Fotografia de 1904

O Colégio St. Julian's, ou de S. Julião, nome inspirado no forte e farol vizinho, foi inaugurado em 25 de Novembro de 1932, procurando garantir as melhores condições de formação às crianças da comunidade estrangeira, necessidade que se acentuou com a vinda dos refugiados, principalmente durante a 2ª Guerra Mundial.



04067

Talvez por isso, a Escola orgulha-se de, desde sempre, manter vivo esse carácter internacional, a abertura a todas as nacionalidades, comprovado no facto de actualmente os alunos serem oriundos de mais de 40 países diferentes.

Com o encerramento em 1962 das instalações da 'Cable and Wireless', o futuro da escola foi posto em causa, mas o seu passado, as muitas gerações que ali se formaram, levou a que, rapidamente, se procurasse dar continuidade ao projecto através do apoio de instituições como o British Council, a fundação Calouste Gulbenkian, e o patrocínio de várias empresas privadas, em torno de um movimento de pais e professores.



Fig. 76 – Páscoa de 1931



Fig. 77 – Visita do General Carmona, em 1938



04068



Fig. 78, 79 – Registo da visita da Rainha de Inglaterra



Fig. 80, 81 – Fotografias dos anos 30-40



04069

Câmara Municipal de Cascais
Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul



Fig. 82, 83 – Actividades desportivas (cerca de 1952-53)

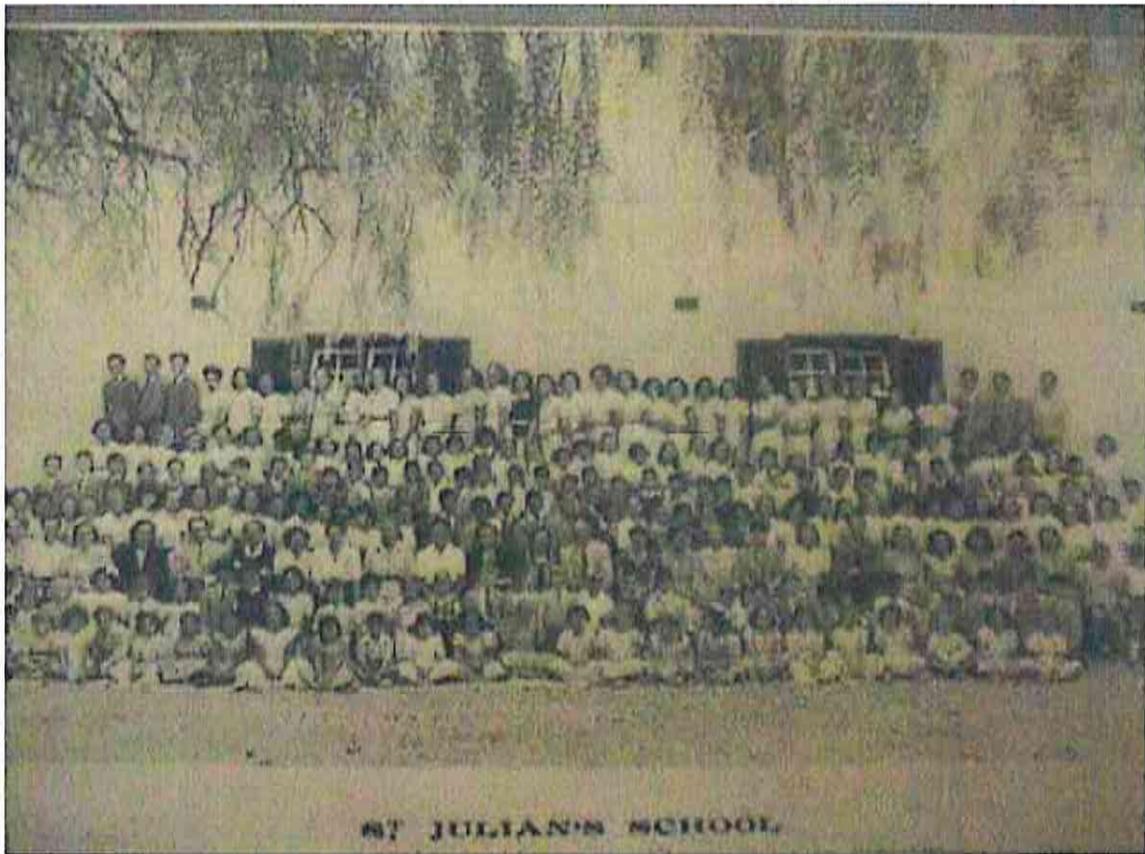


Fig. 84, 85, 86 – Actividades escolares e Retratos de alunos

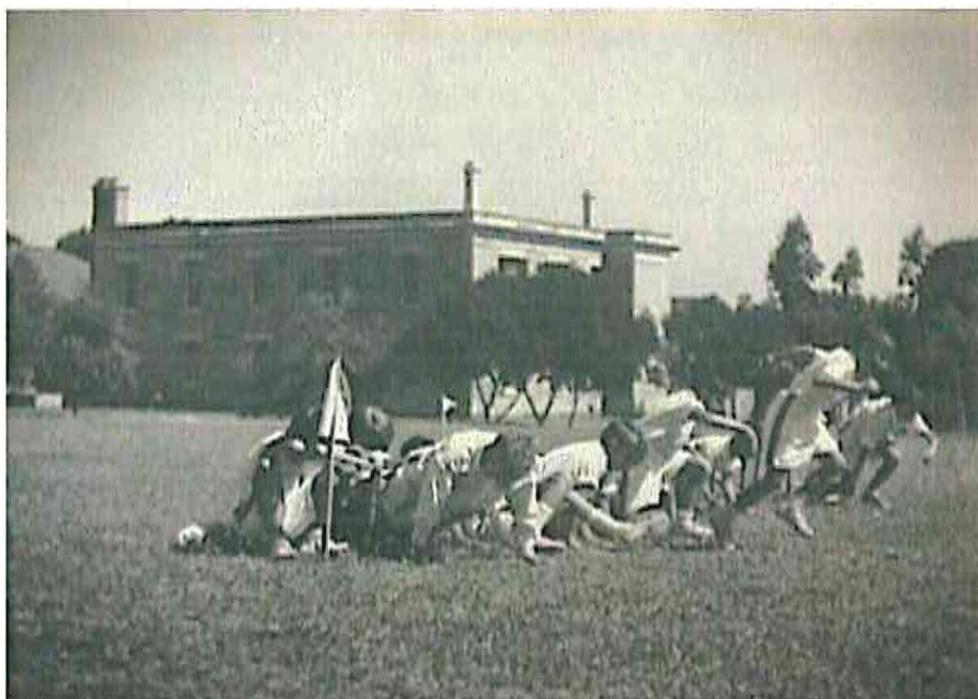


Fig. 87, 88 – Actividades desportivas

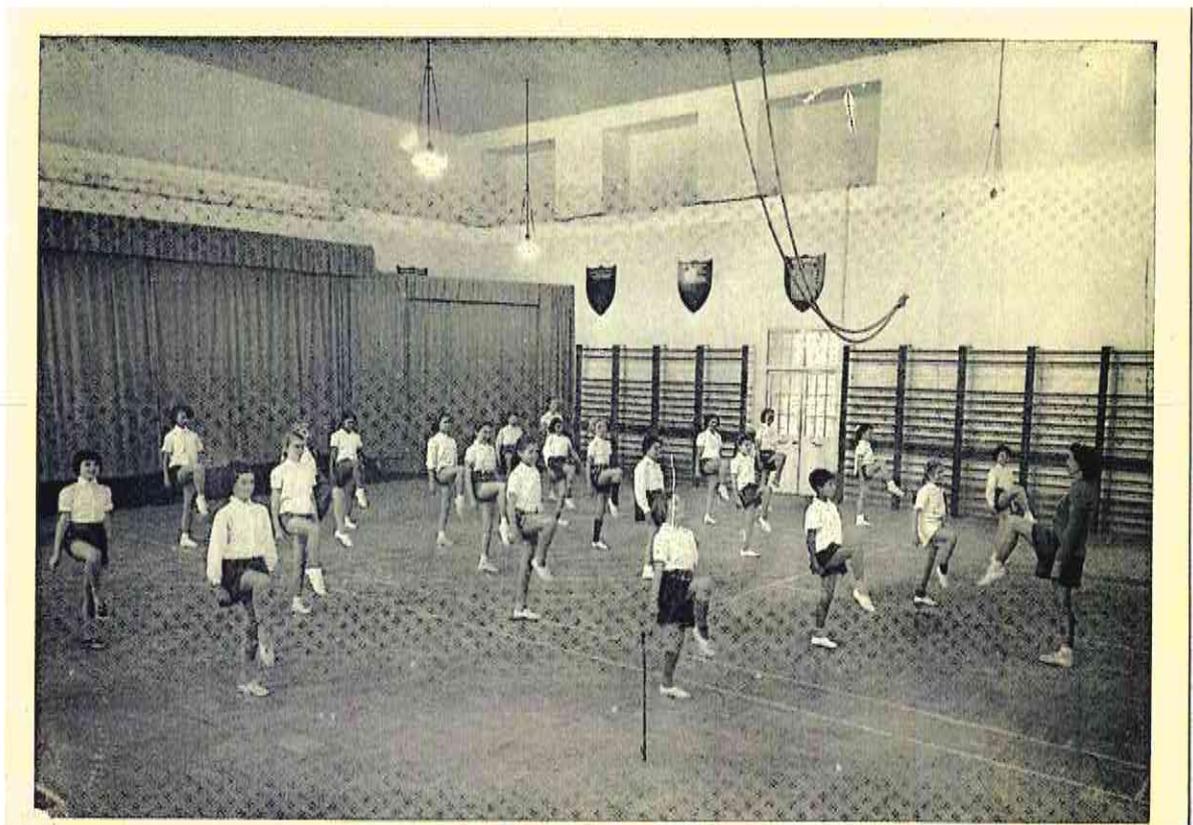
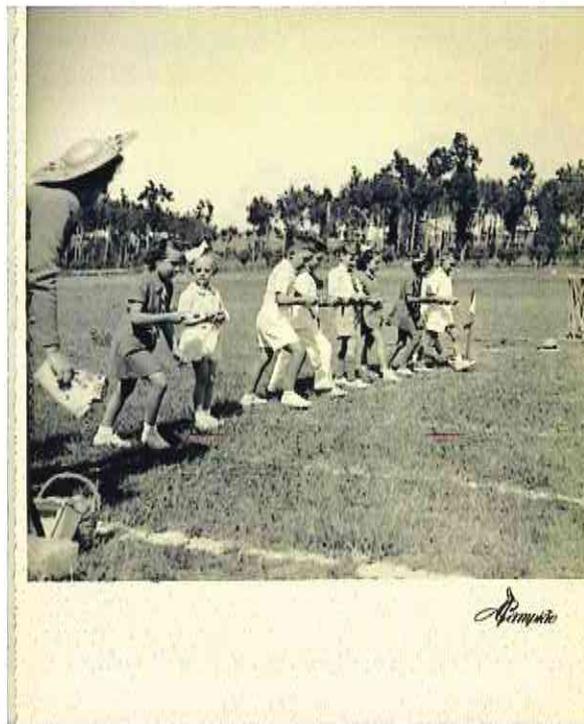


Fig. 89, 90 – Actividades lúdicas e desportivas



Fig. 91 – Actividades teatrais



Fig. 92 – Equipa de Rugby



Fig. 93, 94, 95 – Fotografias recentes, com destaque para a visita do príncipe Eduardo.

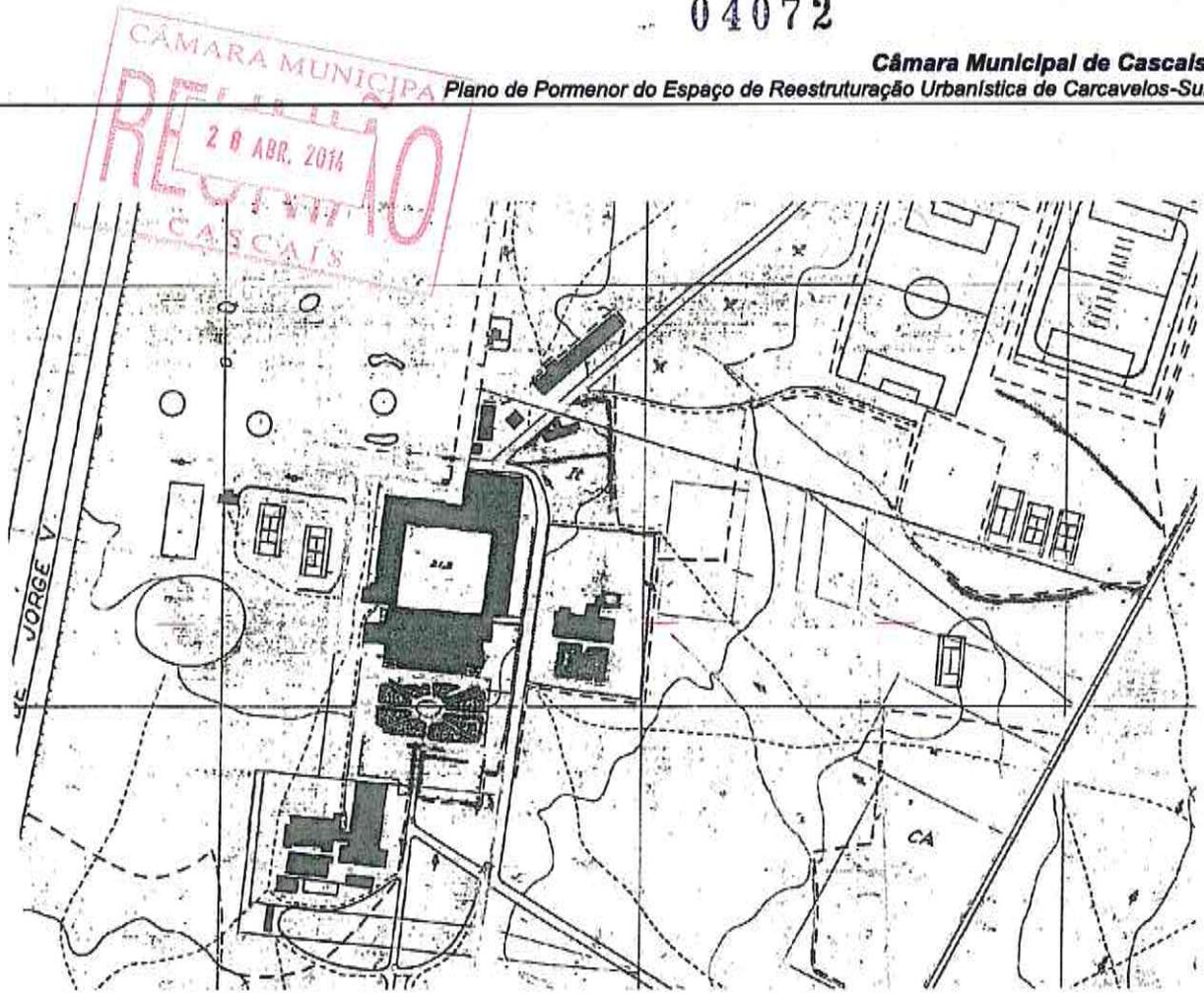


Fig. 96– Ocupação Existente – St. Julian's School

Estudos Complementares

da avaliação fitossanitária dos espaços verdes do palácio

Dada a importância da envolvente natural, da concentração de vegetação que caracteriza a maioria dos espaços do colégio, foi solicitado a um Laboratório de Patologia Vegetal credenciado, a avaliação objectiva do estado sanitário das espécies presentes.

Esse trabalho, que já está finalizado e que pode ser consultado num dos anexos a este relatório, chegou à conclusão de que o estado geral da vegetação ou, mais precisamente, da maioria das espécies arbóreas é, de um modo geral, e a nível do seu estado fitossanitário, positivo, conclusão também é aplicável aos exemplares de maior idade e porte.

De facto, e segundo o mesmo relatório, só uma pequena parte das árvores, que foram devidamente identificadas, na ordem dos 6%, é que apresentam más condições vegetativas, devendo-se por isso considerar irrecuperáveis.

Assim sendo, e para a generalidade dos exemplares objecto do estudo, podemos concluir que se antevê a permanência da maioria das espécies, não sendo de prever, e para além de algumas medidas excepcionais, de abate e remoção, outras acções que não a continuação dos mesmos cuidados periódicos de manutenção, realizadas por iniciativa do colégio St. Julian's.



Fig. 101 – Jardim do palácio



- 04073

Câmara Municipal de Cascais

Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul

ALAMEDA DE ACESSO AO COLÉGIO ST. JULIANS

O parecer do IPPAR, Ref. DR L-89/3 (101) datado de 16 de Março de 1998, propõe a classificação como *Valor Concelhio*, quer do núcleo edificado primitivo, quer da alameda de acesso à Quinta de Santo António, vulgo, Quinta dos Ingleses.

Na sequência da análise efectuada ao palácio e anexos nos capítulos anteriores, pretende-se agora analisar a alameda, no que se refere à sua evolução enquanto estrutura física e biológica, as acções de transformação de que foi alvo ao longo do tempo e também, caracterizar com o máximo de rigor possível, o seu estado de conservação presente.

Da sua História

O traçado cartesiano da alameda, fortemente vincado no terreno natural, a sua largura entre muros e a ligação ao portão principal, não deixam margem para dúvidas que terá sido utilizada como acesso principal ao Palácio da Quinta de Stº António, desde que José Francisco da Cruz, o mandou erguer nos anos trinta do Séc.XVIII.

No ano remoto de 1763, data em que a propriedade foi fundada e seguramente até finais do século XIX, conforme atesta a carta militar datada de 1888, (fig-64-65), a referida alameda estabelecia um percurso, de mais de 300 m, que se estendia do palácio até aos campos de cultivo, situados a norte do mesmo.

O extremo norte deste percurso, era rematado condignamente por um portal de acesso, devidamente enobrecido, que se conservou parcialmente até aos nossos dias. Ainda hoje, em pleno centro de Carcavelos, podemos observar as suas duas pilastras massivas de cantaria, encimadas pelos respectivos pináculos em forma de pinha.



Fig. 102 – Pilastras do portal norte



Fig. 103- Portal norte e resto de muro

Situado na vizinhança, deste portal, nos finais do século XIX, o aglomerado urbano de Carcavelos, ganhava forma timidamente, resumindo-se apenas a algumas dezenas de casas, aglutinadas em torno da Igreja Matriz desta localidade.

Perante a proximidade da Vila de Oeiras que, mercê da presença do Marquês de Pombal, adquirira grande importância na zona, Carcavelos persistia sem expressão populacional, e assim se manteve até ao princípio do século XX.

Em 1889, o advento do caminho-de-ferro, enquanto projecto de âmbito nacional, em franca expansão por diversas zonas do país, trouxe a primeira e inevitável demolição desta estrutura. Foram cedidos terrenos para a construção da linha Pedrouços-Cascais e respectiva estação de Carcavelos, sendo a alameda cortada por esta via-férrea (uma única via).

A consequência directa deste corte foi, produzir a separação do portal norte da quinta do resto da alameda, o qual ficou assim definitivamente incorporado no aglomerado urbano de Carcavelos.

Em 1892, a implementação de uma segunda linha na via-férrea acentuou esta separação, produzindo mais um corte na alameda. Numa fotografia de época, é possível observar, do lado oposto às duas linhas, a alameda, ladeada por árvores de forma irregular e os respectivos muros. com mais de 2,5m de altura, em alvenaria rebocada.

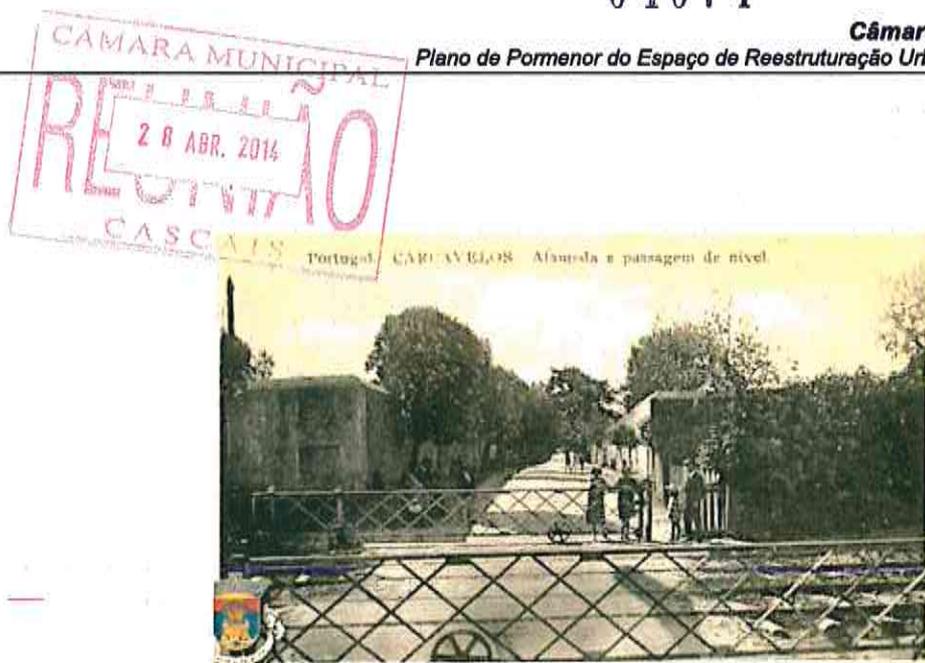


Fig. 104 – Alameda anos 20

Seguiu-se, nos anos 40 e 50, em nome da modernização progressiva dos transportes ferroviários e rodoviários, mais um corte apreciável na extensão da alameda. Em 1999, novamente por razões de interesse público, teve lugar a demolição de mais um troço desta estrutura para implantação do interface rodoviário e alargamento do perfil da Av. Tenente-Coronel Melo Antunes.



Fig. 105 – Estação de Carcavelos - anos 50



Fig. 106 – Interface de Carcavelos - 2007

Presentemente, esta alameda desempenha o papel de via rodoviária de sentido único, do portão principal do Colégio St. Julians em direcção a norte, servindo igualmente de acesso pedonal ao colégio.



Fig. 106 – Alameda em 2007



Fig. 107 – Muro nascente

Do estado actual dos elementos construídos

A alameda apresenta em 2007, uma extensão de 252 metros de comprimento e um perfil de 7,40m é ladeada por dois muros de alvenaria ordinária com 0,80 m de espessura parcialmente rebocados em algumas áreas. Estes muros, sobretudo o nascente apresentam um estado muito degradado. Alguns troços estão em estado de total ruína. A altura actual destes muros varia no lado poente de 1,00 a 1,30 m. A variação a nascente é mais acentuada de 1,50 a 2,50m. Algumas secções com mais de 8,50 m desapareceram, permitindo atravessamentos perpendiculares à alameda.

O pavimento da alameda é composto por um tapete betuminoso, também este bastante degradado, rematado lateralmente, em toda a sua extensão, por valetas em calçada miúda de vidraço. Entre os muros e estas valetas do pavimento, permeia uma faixa de terra batida muito irregular, ocupada de um lado e de outro por árvores, na sua maioria por cedros ("Cupressus Lusitanica").

Da Avaliação Fitossanitária das árvores da alameda

Em Maio de 2006 foi elaborado pelo Laboratório de Patologia Vegetal "Veríssimo de Almeida", um Levantamento fitossanitário do coberto arbóreo da Quinta de Stº António, abrangendo toda área da quinta à excepção dos terrenos do Colégio St. Julians. Este estudo contou com trabalho de campo



04075

Câmara Municipal de Cascais

Plano de Pormenor do Espaço de Reestruturação Urbanística de Carcavelos-Sul

com o objectivo de avaliar exaustivamente o estado sanitário das espécies arbóreas existentes e trabalho de laboratório com as colheitas de material doente.

Dado a dimensão do território em estudo bem como a dispersão das espécies, o espaço foi dividido em 14 parcelas de estudo. Destas a alameda integra as parcelas 2 e 5 (desenhos anexos nº 3 e 6)

Foram criadas "Classes de árvores" conforme as necessidades de intervenção a efectuar:

Classe A – Árvores que não exigem cuidados especiais: árvores em bom estado vegetativo, exigindo apenas as habituais e racionais intervenções de conservação e poda" e que nos desenhos anexos estão assinaladas com a cor verde.

Classe B – Árvores a serem objecto de tratamento: árvores em razoável estado de conservação, mas com alguns ramos mortos, necessitando de procedimentos que consistem basicamente no corte desses ramos e na protecção de feridas" e que nos desenhos anexos estão assinaladas com a cor amarela.

Classe C – Árvores a abater: árvores já mortas ou que apresentam uma decrepitude irreversível,... a sua resistência mecânica encontra-se profundamente afectada apresentando o risco de se partirem e caírem mercê da acção do vento", e que nos desenhos anexos estão assinaladas com a cor vermelha.

Quadro Síntese do Levantamento de Espécie/Estado Fitossanitário da Alameda

Espécies	Estado Fitossanitário			Total por espécies
	Classe A	Classe B	Classe C	
<i>Cupressus lusitanica</i>	0	52	0	52
<i>Myoporum sp.</i>	4	6	0	10
<i>Platanus hybrida</i>	0	1	0	1
<i>Fraxinus excelsior</i>	0	5	0	
Total por classe	4	64	0	68



85327

Conforme se pode consultar no quadro resumo, cujos dados relativos à Alameda foram extraídos do estudo global, a espécie predominante na alameda é, segundo a designação científica, o *Cupressus Lusitanica*, vulgarmente apelidado de cedro. O nome vulgar correcto é "cipreste do Buçaco", uma espécie muito difundida no país, com um rápido crescimento.

"Quando bem adaptado, a sua abundante ramificação permite uma boa cobertura do solo, travando o desenvolvimento de vegetação espontânea."

A avaliação recomenda que a grande maioria das árvores (68 exemplares) necessitam de uma intervenção silvícola, operações de desrama, desbastes, limpezas, protecção de feridas existentes, com excepção de 4 *Myoporum Sp.*, exigindo apenas as habituais e racionais intervenções de conservação e poda.

5 de Março de 2009

David John Sinclair; Arqtº